

Não posso eu ser uma “piranha”?

Reconstruindo sentidos e significados sobre a sexualidade de uma gay solteira afeminada

Paulo Henrique Lopes Souza¹

Resumo: Este relato de experiência parte de uma perspectiva feminista das relações de gênero, trazendo algumas congruências interpelativas entre sexualidade, solteirice, piranhidade e masculinidade. Sua proposta, nesse sentido, foi analisar como essa vivência tensiona as normas do familismo, propondo o uso da “piranhidade” como uma categoria de potência política e subjetiva. É por isso que trago um pouco da minha vivência universitária, dos meus lugares de atuação na pesquisa e do meu uso do Grindr como uma alternativa on-line para exercer a minha sexualidade. Assim, ressignifico ao longo da escrita o olhar sobre mim e o modo como a minha identidade gay solteira afeminada tem sido construída, reposicionando, a partir disso, o “ser piranha” como um manifesto empoderador do livre exercício da minha sexualidade.

Palavras-chave: Piranhidade; Masculinidades; Sexualidade; Relações de gênero; Solteirice.

¹ Graduando em Estudos de Gênero e Diversidade. Estudante da Universidade Federal da Bahia. E-mail: paulohenriquelsouza@gmail.com

Este relato de experiência parte de uma perspectiva feminista das relações de gênero (Scott, 1995), já que se inspira no método feminista de que todo saber nasce de uma posicionalidade (Haraway, 1995). Assim, este trabalho é oriundo das práticas em torno da minha sexualidade enquanto uma gay afeminada, não monogâmica e solteira e é a partir disso que objetivo analisar como essa vivência tensiona as normas do familismo, propondo o uso da “piranhidade” como uma categoria de potência política e subjetiva. Oportunamente, trago a partir das minhas relatorias um olhar sobre as masculinidades subordinadas (Connell; Messerschmidt, 2013) e da condição de estar solteiro (Andrade, 2022), a fim de assumir uma “ética piranha” (Boscatti; Barreto, 2024).

É nesse contexto que a presente produção ganha um escopo, buscando por meio das práticas que rondam a minha masculinidade e a minha solteirice, reconstruir sentidos e significados sobre a minha sexualidade e o “ser piranha”. Pensando nisso, esta discussão é guiada por algumas questões fundamentais, como: por que a discussão sobre o amor invariavelmente parte do namoro, do casamento, da noção de familismo e da monogamia? Não seria possível amar quantas pessoas quisermos, sem a necessidade de contratos ou de relações duradouras? Por que a cultura dos casados ainda é tão central, visto que a dinâmica social atual aponta que o número de solteiros hoje ultrapassa o de casados? Essas questões buscam enriquecer a reflexão e elencar o debate, no intuito de tensionar que apesar da armadilha colonial e normativa persistir, semelhante às monoculturas, o que é imposto não pode ser chamado de escolha, mas sim de compulsão.

Dessa forma, a proposta aqui desenvolvida busca costurar, a partir da narrativa pessoal e de literaturas pertinentes, pontos de convergência entre a piranha em mim e o livre exercício da sexualidade. Nesse sentido, o termo “piranha” é utilizado como um manifesto revolucionário e empoderador das práticas sexuais. No entanto, adoto a categoria “piranhidade” como um lugar de possibilidades, distanciando-a das visões estereotipadas e deturpadas impostas pelos dispositivos de sexualidade e gênero (Boscatti; Barreto, 2024).

Assim sendo, compartilharei um pouco da minha vivência universitária, dos meus lugares de atuação na pesquisa e do uso do Grindr² como uma alternativa on-line para exercer a minha sexualidade. Por isso, trago pontos e contrapontos, especialmente no que se refere ao uso de algumas plataformas digitais de interação afetivo-sexuais. É pensando nisso que tomo os arredores da Universidade Federal da Bahia, meu local de estudo, como um lugar em que experimento as mais diversas sensações e, além disso, manifesto as minhas expressões de gênero em uma performance de feminilidade distante do que é esperado das convenções sociais do comportamento de um homem. Para compreender como essas normas operam na prática, inicio a reflexão a partir da minha própria condição de solteirice, articulando-a aos estudos sobre o tema.

Solteirice: experiências e estudos

Entendendo que ser e estar solteiro não possuem os mesmos significados, uso o termo solteirice aqui como condição de estar solteiro (Andrade, 2022). Desse ponto, exploro um olhar que se conecta melhor às minhas escolhas pessoais e que condiz com este relato de experiência. Como uma gay solteira afeminada, tenho buscado viver essa solteirice conhecendo novas pessoas, afinal, estar solteiro não significa estar sozinho, e é por isso que tenho me questionado do motivo da discussão sobre o amor invariavelmente partir do namoro, do casamento, da noção de familismo e da monogamia. Geralmente, o lugar em que busco estabelecer essas relações, que na maioria das vezes são esporádicas, é na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e é ali onde procuro investir nas preliminares da paquera com o intuito de ficar com alguém e experimentar outras possibilidades (distante da ideia de nuclearização).

Considerando isso, minha aproximação com o campo de estudos sobre solteirice ocorreu no momento em que me tornei bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Foi então que iniciei minha composição no Grupo de pesquisa CNPq – Gênero, Alteridades e Desigualdades, no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher

² Trata-se de um aplicativo de encontros virtuais voltado ao público LGBTQIAPN+, porém majoritariamente usado por homens gays, bissexuais e panssexuais em suas práticas de homossociabilidade.

(GADNEIM), desenvolvendo um plano de trabalho sob a orientação da Profa. Dra. Darlane Andrade, sobre solteirice e sexualidade na pandemia da Covid-19 no Brasil (2023-2024)³. A partir daí, passo a investigar mais sobre a temática e a me reconhecer pelas leituras e fichamentos do tema.

Haja vista que, ao ter acesso às literaturas sobre o tema, vejo também a tendência contemporânea de focar em uma narrativa tradicionalista, mesmo com evidências de modelos de família que não eram centrados no ideal escravagista, na biparentalidade e na cisheteronormatividade (Corrêa, 1981; Machado, 2001). Assim, assumir este lugar de uma gay solteira afeminada é também trazer um contraposto ao familismo, já que a vida social tem girado em torno da cultura dos casados (Andrade, 2022). É diante disso que tenho evocado a partir de mim a politização dessa gay solteira afeminada, não como forma de dizer não ao casamento, mas como modo de pensar noutras maneiras e caminhos possíveis para ser quem é e viver livremente a sua sexualidade.

Todos nós já passamos pela fase de nos imaginarmos em um tipo de relacionamento (eu já me imaginei), sendo ele o mais convencional possível: encontrar a nossa alma gêmea, casar-se com ela, construir uma família e ter bastante filhos. Entretanto, o que quase não nos perguntamos é: isso tudo se trata de um querer nosso ou é uma vontade imposta pelos meios de cultura? Nesse sentido, não há como debater em oposição, uma vez que somos desde cedo educados a desempenhar certos tipos de comportamentos que são mais aceitos socialmente e que se introjetam em nós por meio de uma tecnologia social que nos molda conforme às normas (Foucault, 2023 [1976]).⁴

Embora a conjugalidade ainda seja muito enfatizada, a dinâmica social atual aponta que o número de solteiros hoje ultrapassa o de casados. Além do mais, o viver bem também tem estado relacionado ao desfrutar da própria companhia, sem cônjuge, ou namorada(o). A título de exemplo, li uma matéria na CNN Brasil (2023) sobre como algumas mulheres têm reivindicado a “sologamia” (ato de casar-se consigo mesma), o

³ Ano de vigência da bolsa do PIBIC.

⁴ Utilizo aqui as edições brasileiras mais recentes das obras de Michel Foucault para fins de citação direta. No entanto, cabe ressaltar que as reflexões foucaultianas sobre o biopoder datam originalmente de 1976 (*História da Sexualidade I*), servindo de base para a formulação do conceito de somatopoder por Preciado em 2008 (*Testo Junkie*), que também será explorado ao longo do texto.

que demonstra como modelos que desviam do ideal de família nuclear também são possíveis.

No mais, é assim que também tenho buscado construir as minhas afetividades. Ou seja, a partir de um contramovimento que questiona a ideia da constituição dos arranjos sociais baseados na família nuclear. Alguns estudos sobre o tema, com os quais tive contato, explicam esses "novos modelos de relação"⁵, por meio do caráter da individualização, isto é, pensando essas lógicas relacionais fora da ideia da convencionalidade (Machado, 2001). Essas lógicas relacionais fora da convencionalidade abrem caminho para a reivindicação de termos historicamente estigmatizados, como será discutido a seguir.

A piranha encarnada

Deixa de ser encubada que eles vão enlouquecer
Solta essa piranha que tem dentro de você
Solta, solta essa piranha
Solta, solta essa piranha
Que tem dentro de
Que tem dentro de
Que tem dentro de você

Trecho da música "Deixa de ser encubada" composta por MC Samir (2014).

O termo piranha tem sido empregado de forma pejorativa para designar mulheres que se relacionam sexualmente por dinheiro ou com mais de um homem e que, por possuírem este caráter "devorador", são julgadas (Boscatti; Barreto, 2024). Nesse sentido, o uso do termo piranha, do qual me aproprio nesta escrita de mim – assim dizendo, como uma gay solteira afeminada –, parte do deslocamento semântico sobre esta palavra. Assim, reitero o papel social e empoderador da piranha como um ato de autonomia política e contraposição às monoculturas e à cisheteronorma.

Como piranha, sempre me pergunto sobre a possibilidade de amar quantas pessoas eu quiser, sem a necessidade de contratos ou de que seja uma relação duradoura. A

⁵ Aspeio a frase "novos modelos de relação", pois a literatura sobre o tema indica que são fenômenos anteriores ao que a regra social define como nuclear.

piranha em mim vive e desafia as normas compulsórias. Sou piranha, sim, e isso é um ato de resistência e reexistência, afinal, como toda piranha, não deixo de fazer o dever de casa: assumir quem sou sem culpa e longe dos discursos proibicionistas e morais.

Refletindo sobre isso, assumo a categoria “piranhidades” como uma ferramenta analítica para descrever modos de existência que desafiam a norma, indo além do sentido pejorativo para alcançar uma dimensão de autonomia sexual (Boscatti; Barreto, 2024). Desse modo, trago um pouco de como tenho vivenciado alguns desses aspectos a partir da plataforma digital de encontros virtuais, Grindr. Assim, é entre o *sexting*⁶ e a troca de “nudes”⁷ que os meus encontros presenciais se materializam, abrindo espaço para interações mais livres e espontâneas na busca por prazer e satisfação.

Apesar de ser usuário do Grindr, reconheço que as experiências podem variar e que, se não tivermos uma boa autoimagem, isso afetará a nossa autoestima e será danoso à saúde mental. Por exemplo, já passei por alguns perfis que tinham tags e mantinham conversas a respeito da aversão às identidades gays afeminadas. Esses perfis reproduziam a homofobia internalizada e os discursos misóginos, reforçando as masculinidades hegemônicas (Connell; Messerschmidt, 2013).

Além do mais, não há como eu falar de sexualidade e deixar de lado as identidades que compõem essas práticas. Toda a minha posicionalidade vai de encontro ao que o imaginário coletivo considera imoral e promíscuo. É diante disso que tomo como perspectiva o putafeminismo⁸ como aquele que escancara a verdade nua e crua e nos convida a enxergar outras nuances a partir da realidade social e das relações de gênero que a ela pertencem (Prada, 2018).

O putafeminismo tem a ver com a reinvenção não só política, mas também de um jeito para ganhar a vida (Prada, 2018). Neste caso, pensar o “ser piranha” a partir do putafeminismo como uma corrente teórica é se perguntar: quais lugares uma piranha pode ocupar? Dessa forma, o escárnio e a marginalização têm sido, por muito tempo, os únicos

⁶ Expressão do inglês que significa “sexo por mensagem”.

⁷ Neologismo empregado em práticas sexuais que envolvem troca de fotos íntimas.

⁸ Diz respeito à corrente de pensamento que tem emergido a partir das reivindicações das trabalhadoras do sexo e oferece um contraposto à hegemonia epistemológica.

lugares em que é possível ser quem se é e ocupar sem medo do estigma e do olhar estereotipado.

Em *Luz Neon, Mix de Gêneros e Pole de Palco: nos salões dos puteiros de uma cidade paulistana*, de Melissa Silva (2024), podemos ver como as performances são importantes, assim como trazem uma marca pessoal de quem as vive e as desempenha. À luz das piranhidades, os puteiros⁹ relatados no texto dialogam com o lugar pessoal e também coletivo da resistência e da resignificação. Aqui, percebo a partir do meu eu piranha o quanto podemos reconstruir novos sentidos e significados que não atribuem um juízo de valor carregado de preconceito e discriminação. Essa reconstrução de sentidos, contudo, não ocorre no vácuo; ela emerge de uma trajetória marcada pelas tensões que atravessam a constituição da minha identidade gay afeminada.

A identidade gay afeminada

Passei grande parte da minha vida me perguntando sobre o motivo de me apontarem gay, antes mesmo de eu me saber como tal. Decerto, que alguns questionamentos aos olhos de uma criança podem parecer injustificáveis, visto que nem sempre haverá resposta do outro, apenas a acusação (sim, acusação, afinal, olham para você e te dizem que não se encaixa). O que me tornava gay aos olhos alheios? As perguntas eram muitas.

Assim sendo, existe aqui um breve monólogo de mim, uma maneira com a qual me revisito, acessando algumas memórias adormecidas para então refletir. A identidade da gay afeminada é fruto da tensão e da produção de mim mesmo. Um ato que a partir da minha subjetivação retomo a fim de reposicionar os meus próprios sentidos e a forma como manifesto o meu eu ao mundo.

Quando olho para alguns contextos, a maneira como a categoria homem tem sido construída é a partir de um conjunto de práticas sociais e culturais que possibilita em circunstâncias específicas a existência e a validação de um tipo de masculinidade, sendo

⁹ O uso da palavra “puteiros” aparece no texto da autora como forma de trazer um novo sentido às identidades das profissionais do sexo, buscando se distanciar do lugar estigmatizante e ser empoderador.

ela hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013). Nesse sentido, pensar sobre como a identidade da gay afeminada é fabricada está relacionada à forma com a qual determinados tipos de masculinidades serão aceitos, enquanto outros, por “fugirem à norma”, não. É com base nessa perspectiva que explorarei o conceito de “masculinidades subordinadas”, tal como nomeado por alguns estudos sobre masculinidades (Connell; Messerschmidt, 2013).

O conceito de “masculinidades subordinadas” diz respeito ao modo como algumas masculinidades são inferiorizadas e colocadas à margem, estendendo a ideia de uma hierarquização, pois entende que tudo aquilo que desvia do que é lido como convencional é errado (Connell; Messerschmidt, 2013). Desde cedo, eu soube que ser um homem gay me colocava em descompasso quando comparado às masculinidades normativas e, por conta dos trejeitos afeminados, fui posto em um local de ainda mais desnivelamento. A identidade gay afeminada que outrora me foi apresentada pela homofobia era intimidadora. No entanto, hoje, ressignifico-a como força e subversão.

Sobre isso, se você não se enquadra à norma você se torna o fracasso do gênero, pois existe um conjunto de expectativas em torno do que significa ser homem e mulher (Despentes, 2016). Os papéis sociais, por exemplo, são desempenhados por meio dessas pré-determinações que nos são impostas pelas convenções que estruturam a sociedade. Se você não os segue, não pode ser validado socialmente.

É pensando a partir das noções de performance e performatividade, que busco aqui me desfazer da ideia de gênero como algo corporificado e definido, redimensionando o meu olhar ao modo como todos(as/es)¹⁰ produzimos versões generificadas de quem somos (Butler, 2022). Assim, se antes a partir das normas sociais era esperado de mim um “jeito certo” de me comportar, pois somente então eu poderia ser aceito, agora, tomo as rédeas da situação e me dou o poder da escolha, escolhendo com ele me libertar dessa regulação que por muito tempo violentou a minha “corpa”¹¹ gay afeminada. Portanto, a

¹⁰ O “es” entre parênteses, como pronome neutro, apesar de não ser usual, é usado aqui com o intuito de demarcar outros modos para além dos binarismos.

¹¹ A palavra “corpa” com o artigo definido “a” é proposital aqui, não ao acaso, enfatizando a identidade gay afeminada como possibilidade de ser e do “ser”.

construção dessa identidade política performática conflue em contraposição às performatividades coercitivas. Ao recusar essas validações normativas, passo a mapear o corpo não mais como destino biológico, mas como uma cartografia política que denomino “somatopiranha”.

Somatopiranha: cartografias do corpo-sexual

Caso a piranha, ao longo deste texto, tenha sido interpretada apenas como um adjetivo da minha identidade gay afeminada, convido o leitor à releitura: aqui, ela assume o papel de sujeito político. Entretanto, se o meu propósito aqui não se tornou entendível, retiro o que eu disse e reatribuo os sentidos e significados. Assim, a piranha não é um adjetivo nesta narrativa; ela é o sujeito da oração, já que sem ela jamais seria possível entender o enunciado político da minha vida.

Por isso, a piranha em mim cria suas próprias cartografias do corpo-sexual, construindo práticas, desejos e formas de prazer em subversão à regulação da família como unidade social nuclear. É nesse contexto que parto da noção de “somatopiranha”, inspirando-me no conceito de somatopoder trabalhado por Preciado (2018 [2008]) e tomando-o como um dos eixos interpretativos da minha sexualidade. Se o somatopoder compreende as tecnologias de controle e produção política dos corpos, a somatopiranha opera como uma tática de guerrilha subjetiva, onde o corpo-vulnerável da piranha se reapropria de sua própria carne para produzir novos sentidos.

A somatopiranha, dessa forma, surge como um deslocamento desse poder sobre o corpo, transformando a carne em um laboratório de resistência política contra as ficções somáticas heterossexuais e as categorizações binárias, explorando as possibilidades de desidentificação e resistência a esse somatopoder. Ela representa um uso contra-hegemônico das mesmas tecnologias que produzem e controlam, abrindo a partir delas fissuras para novas formas de existência e subjetividade. Isso se manifesta na desobediência às regulações compulsórias.

É a partir da somatopiranha que cartografo o meu corpo-sexual, subvertendo a noção de somatopoder enquanto um regime farmacopornográfico que nos impele a

produzir e gerir a nós mesmos como se fôssemos um produto pornô (Preciado, 2018 [2008]). Nesse sentido, a piranha, assumida por mim e parte de mim, entra em cena para devorar as regras e dizer um não ao adestramento social. A piranha não é produto do somatopoder, nem é controlada por ele; ela possui vontade própria.

O corpo-sexual, produto da somatopiranha, desidentifica-se das classificações tradicionalistas e foge do que se espera da sexualidade e do gênero. Sendo transgressor e operando como uma forma de contrapoder, ele compõe a piranha como parte da identidade gay solteira afeminada; essa identidade, por não se encaixar no modelo de casal heteronormativo, evade a regulação da ideia da reprodução e a manutenção do somatopoder. É nesse contexto que essas cartografias ganham sentido, uma vez que não convergem para o que já se espera. Se o corpo se desvia das expectativas, o prazer que dele emana também precisa ser reinventado sob uma nova ética, livre das amarras do adestramento social.

Reinventando o prazer: o lugar ético da piranha

Ao longo desta escrita, tenho realizado uma ruptura com as normas e expectativas sobre o que o prazer deve ser, especialmente para mim enquanto uma gay solteira afeminada. Nesse sentido, isso tem implicado na desconstrução de padrões impostos e na busca por formas autênticas de satisfação, sendo também um convite à reflexão sobre minha liberdade e a autonomia do meu corpo e do meu desejo.

Além disso, durante estes relatos, a palavra piranha, com o intuito de falar de práticas e comportamentos em torno do livre exercício da minha sexualidade, mas que socialmente são estigmatizados, tem ganhado sentido próprio. Assim, a gay solteira afeminada que aqui vos escreve, torna estes sentidos símbolos de poder, liberdade, desobediência e subversão. Ser a piranha não tem a ver com a animalidade, mas no caráter da devoradora sexual (Boscatti; Barreto, 2024).

Pensando nisso, algumas questões disparadoras têm guiado esta escrita, tornando-a cada vez mais intrigante e provocadora. Nesta seção, por exemplo, parto de perguntas não tão novas, mas essenciais: qual é a ética de quem é rotulado como piranha? Como se

constrói uma moralidade fora das convenções? O que significa ser uma piranha de forma ética? É a partir delas que tenciono a reinvenção do meu próprio prazer e como tenho assumido, conforme Ana Paula Boscatti e Letícia Barreto (2024), uma "ética piranha", dizendo não ao cisheteropatriarcado.

Ser rotulado como piranha — um aspecto que, embora se distancie do que escrevo, é descrito em algumas seções deste relato — veio ao longo dos tempos tendo a ver com o não lugar, isto é, o não lugar do valor, da moral e da família (Boscatti; Barreto, 2024). Diante disso, percebe-se que, ao mesmo tempo em que essas concepções marginalizam, elas também se apropriam do lugar da piranha, tirando-a desse “não lugar” ao associar a figura da "piranha" (geralmente pejorativa e moralmente condenada) ao prazer — mas não para si, e sim para o outro que busca satisfazer os próprios desejos. Assim, meu relato não é apenas sobre a vivência sexual, mas também sobre como operam as noções da moralidade, da agência de poder e da responsabilidade pessoal dentro de uma identidade estigmatizada — a da piranha. Por isso, assumo o seu "lugar ético", criando uma tensão instigante e paradoxal.

Em minhas interações mais íntimas no espaço universitário, seja em festas, durante a rotina das aulas ou mesmo no ambiente do Grindr, tenho procurado explorar o prazer, redefinindo-o fora de padrões heteronormativos e moralistas, assumindo este lugar de ética da piranha. Nesse contexto, a adoção das “piranhidades” — o caráter da devoradora sexual (Boscatti; Barreto, 2024) — sugere uma virada de perspectiva, transformando algo marginalizado em um espaço de reflexão sobre valores, consentimento, liberdade e respeito mútuo. A título de exemplo, práticas como a *gouinage*¹², que não necessariamente precisam de penetração e que envolvem beijos, lambidas, sucção e outras formas de estimulação da boca para os genitais, bem como a exploração de zonas erógenas diversas, como pescoço, orelhas e barriga, são boas investidas quando se pensa em reinvenção e são algumas das minhas práticas favoritas.

Pensando nisso, proponho uma reflexão sobre a noção da moralidade a partir desta sexualidade que desafia as normas. Isso porque o modo como ela vem sendo construída

¹² Neologismo popularizado para descrever práticas sexuais não penetrativas.

pelas convenções sociais é sempre pautada no discurso proibicionista e religioso. Afinal, construir uma moral fora dessa lógica tem a ver com questionar o modo como o prazer é convencionalmente definido e como a figura da piranha é utilizada para controlar ou julgar a sexualidade.

Embora a piranha seja frequentemente vista como um ser de “baixo escalão” ou “a bagaceira”, conforme as convenções sociais (Boscatti; Barreto, 2024), ser uma piranha de forma ética significa reivindicar essa categoria. Isso nos permite perceber como nossos modos de subjetivação e prazer são intrinsecamente políticos. Portanto, quando defendo essa “ética piranha”, não me refiro apenas ao desejo. Trata-se de uma reinvenção a partir das atribuições pejorativas, reposicionando o poder discursivo da própria nomeação e utilizando-a com um novo sentido e significado. Desse modo, reinventar meu prazer é, também, cultivar essa ética.

Considerações “piranhescas”

A proposta desenvolvida por este relato de experiência foi articular a partir de uma perspectiva feminista das relações de gênero (Scott, 1986) e das teorias sobre individualização (Corrêa, 1981; Machado, 2001), masculinidades e normas sociais (Connell; Messerschmidt, 2013; Despentes, 2016; Preciado, 2018 [2008]), solteirice (Andrade, 2022), sexualidade (Foucault, 2023 [1976]), putafeminismo (Prada, 2018; Silva, 2024) e piranhidades (Boscatti; Barreto, 2024), como os meus processos de subjetivação impactaram na construção da minha identidade enquanto uma gay solteira afeminada e o “ser piranha” como livre exercício da minha sexualidade. É a partir disso que minhas experiências encontram nesses estudos um campo fecundo para me apropriar da parte teórica da discussão. Assim, grande parte da reflexão foi desenvolvida através da reconfiguração de percepções e valores sobre a minha sexualidade.

Desse modo, a destradicionalização familiar (de modelo patriarcal) foi importante para se pensar as dinâmicas relacionais que se distanciaram da hegemonia (Corrêa, 1981; Machado, 2001). Nesse sentido, pensar na solteirice como uma construção social e a partir dela na minha condição de estar solteiro (como uma escolha pessoal) (Andrade, 2022)

ajudou-me a compreender melhor as práticas em torno da minha sexualidade e o processo de construção da minha identidade enquanto uma gay solteira afeminada. É a partir disso que me percebo como tal e reafirmo a potência não monocategórica em ser muitos.

Assim sendo, o "ser piranha", pensado e tecido a partir desta reconstrução de sentidos e significados e inspirado pela perspectiva putafeminista (Prada, 2018; Silva, 2024), relaciona-se não só ao lugar do desejo, mas também ao lugar político e ao prazer de ser eu mesma. É assumir o caráter da devoradora sexual, interpretando seu papel em contraposição aos estereótipos estigmatizantes (Boscatti; Barreto, 2024). A piranha representa o gozo da liberdade frente aos modelos compulsórios e compõe, assim, a minha identidade enquanto uma gay solteira afeminada.

A identidade da gay afeminada, por sua vez, refere-se ao modo como a minha masculinidade tem sido construída a partir de um eixo interpretativo de gênero. Isso significa que, por desviar de um tipo de masculinidade socialmente valorizada e esperada (Connell; Messerschmidt, 2013), essa identidade é considerada o fracasso (Despentes, 2016). É justamente a partir desse lugar de suposto "fracasso" que eu redimensiono meus traços afeminados e os coloco para além da performatividade (Butler, 2022), conferindo à identidade da gay afeminada o poder de ser plenamente ela mesma.

Ainda, espera-se que o corpo da gay afeminada não possa sentir sua libido de forma livre, pois, segundo as regras sociais, ela foge de um substrato corpóreo valorizado. Desse modo, os mecanismos a designam para o lugar pornificado daquela que oferece o prazer, mas não pode desfrutar dele. Entretanto, é a partir disso que a sexualidade deixa de ser refém das intervenções sociais e discursivas, pois se as identidades são reguladas pelo somatopoder (Preciado, 2018), a somatopiranha a reiventa e a retira do lugar permissivo conferido pela opressão sistemática e a torna dona de si mesma.

Logo, foi reinventando o prazer e assumindo uma "ética piranha" no que diz respeito ao caráter da devoradora sexual (Boscatti; Barreto, 2024) que reconstruo os sentidos e significados sobre a minha sexualidade como uma gay solteira afeminada. Nesse lugar, trago, a partir das piranhidades (Boscatti; Barreto, 2024), uma perspectiva contra-hegemônica sobre o desejo, a minha sexualidade e a minha condição de estar

solteiro. Desse modo, rompo com as dinâmicas desenhadas pelo familismo e a cisheteronorma e me torno ousadia contra as monoculturas.

A potência deste relato reside, portanto, em desafiar as ficções somáticas heterossexuais e o familismo, revelando, a partir da minha vivência, do lugar da pesquisa e das reflexões sobre a minha sexualidade enquanto uma gay solteira afeminada e o ser piranha como livre exercício da minha sexualidade, caminhos para reconstruir sentidos e significados sobre quem somos e as nossas identidades. Além do mais, este relato de experiência não se constitui como algo imutável, fixo em sua forma e lugar, afinal trata-se da minha posicionalidade. Dessa forma, nuances a partir de outros olhares (partindo do pessoal) podem enxertar ainda mais a discussão e levá-la a patamares ainda mais significativos.

Referências

ANDRADE, Darlane S. V. **A solteirice desvelada**: modos de ser e viver como solteira e solteiro em Salvador. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia; BARRETO, Letícia Cardoso. Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar: um manifesto pela devoração sexual. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 7, n. 22, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/2410051.7.22-48>.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Tradução de Alécia Bretas *et al.* Coordenação de tradução de Carla Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CNN BRASIL. **Sologamia**: mulheres reivindicam casamento consigo mesmas. CNN Brasil, São Paulo, 18 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/sologamia-mulheres-reivindicam-casamento-consigo-mesmas/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 37, p. 5-16, maio 1981. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1590>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FOUCAULT, Michel, 1976 – 1984. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/195>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MACHADO, L. Z. Família e individualismo: tendências contemporâneas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 4, n. 8, p. 11-26, fev. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100002>.

PRADA, Monique. **Putafeminismo**: sobre prostituição, capitalismo e a gestão da vida das mulheres. São Paulo: Veneta, 2018.

PRECIADO, Paul B. 2008. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Vladimir Safatle. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/257862>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SILVA, Melissa. Luz Neon, Mix de Gêneros e Pole de Palco: nos salões dos puteiros de uma cidade paulistana. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. e025007, 2025. DOI: <https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20316>.

Can't I be a "piranha" (slut)?

Reconstructing senses and meanings about the sexuality of an effeminate single gay man

Abstract: This experience report is based on a feminist and intersectional perspective of gender relations, bringing up thought-provoking connections between sexuality, singleness, and masculinity. The purpose of this work is to analyze how this experience challenges the norms of familism, proposing the use of piranhidade (slutness) as a category of political and subjective power. Through the narrative, I bring elements of my university experience, research fields, and the use of Grindr as an online territory for exercising sexuality. Throughout the writing, I reframe my self-perception and the construction of my effeminate, single gay identity, repositioning "being a piranha" as an empowering manifesto for the free exercise of sexuality and a critique of normative somatic fictions.

Keywords: Piranhidade (slutness); Masculinities; Sexuality; Gender relations; Sigleness.

Recebido: 14/09/2025

Aceito: 12/11/2025